SOBREVOO TEÓRICO-CONCEITUAL E METODOLÓGICO EM TORNO DA(S) GEOGRAFIA(S) HUMANA(S) FRANCESA(S): NOTAS PROVOCATIVAS

THEORETICAL-CONCEPTUAL AND METHODOLOGICAL OVERFLIGHT AROUND FRENCH HUMAN(S) GEOGRAPHY(S): PROVOCATIVE NOTES

SOBREVUELO TEÓRICO-CONCEPTUAL Y METODOLÓGICO ALREDEDOR DE LA(S) GEOGRAFÍA(S) HUMANA(S) FRANCESA: NOTAS PROVOCATIVAS

HIKARO KAYO DE BRITO NUNES
Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – Tefé/AM.
E-mail: hnunes@uea.edu.br

WAGNER VINICIUS AMORIN
Universidade Estadual do Ceará (UECE) – Fortaleza/CE.
E-mail: wagner.amorin@uece.br

Resumo:
O artigo tem como intuito principal, a partir de um sobrevoo, estabelecer notas provocativas a respeito dos aspectos teórico-conceituais e metodológicos no campo da(s) Geografia(s) Humana(s) Francesa(s) da primeira metade do século XX, considerando, nesse cenário, as contribuições de Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Albert Demangeon, Max Sorre, Pierre George, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser e Yves Lacoste somadas aos seus desdobramentos atuais. A partir das leituras básicas e de outras que serviram para dar suporte conceitual e reflexivo, destacam-se as concepções teóricas no que diz respeito às concepções de Homem, Meio e Técnica, que, ora aproxima, ora distancia os referidos autores. As leituras de mundo, de superfície terrestre, de vida e de região em muito auxiliam no delineamento teórico, mesmo que aqui apresentadas de maneira objetiva, sob o acompanhamento e influência das relações sociais, econômicas e políticas à época do lançamento de cada abordagem teórica, principalmente na Europa e, particularmente, na França.

Palavras-chave: Geografia Humana, França, Homem, Meio e Técnica.

Abstract:
The main purpose of the article, from a flyover, is to establish provocative notes regarding the theoretical-conceptual and methodological aspects in the field of French Human Geography (s) in the first half of the 20th century, considering, in this scenario, the contributions of Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Albert Demangeon, Max Sorre, Pierre George, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser and Yves Lacoste added to its current developments. From the basic readings and others that served to give support in the reflective field, the theoretical conceptions are highlighted with regard to the conceptions of Man, Environment and Technique, which, sometimes approaches, sometimes distances these authors. The readings of the world, terrestrial surface, life and region greatly assist in the theoretical design, even if presented here in an objective way, under the monitoring and influence of social, economic and political relations at the time of the launch of each theoretical approach, mainly in Europe and particularly in France.

Keywords: Human Geography, France, Man, Medium and Technique.

Resumen:
El propósito principal del artículo, a partir de una perspectiva de sobrevuelo, es establecer notas provocativas sobre los aspectos teórico-conceptuales y metodológicos en el campo de la (s) geografía humana francesa en la primera mitad del siglo XX, considerando, en este escenario, las aportaciones de Paul Vidal de La Blache, Jean Brunhes, Albert Demangeon, Max Sorre, Pierre George, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser e Yves Lacoste sumadas a los desarrollos actuales. A partir de las lecturas básicas y otras que sirvieron de suporte conceptual y reflexivo, se destacan las contribuciones teóricas en torno a las concepciones de Hombre, Medio Ambiente y Técnica, que a veces acerca, a veces distancia a estos autores. Las lecturas del mundo, la superficie terrestre, la vida y la región son de gran ayuda en el diseño teórico, incluso si se presentan aquí de manera objetiva, bajo el seguimiento e influencia de las relaciones sociales, económicas y políticas en el momento del lanzamiento de cada idea teórica, principalmente en Europa y, particularmente, en Francia.

Palabras-clave: Geografía Humana, Francia, Hombre, Medio Ambiente y Técnica.

Iniciando a provocação

Normalidade significa morte
(Theodor ADORNO[1]).

Ao longo dos anos torna-se cada vez mais necessária a realização de estudos teóricos que se dediquem a revisitar determinados feitos, contribuições, revoluções científicas, continuidades e/ou rupturas em dado período, sobre algum tema ou área do saber. Nesse sentido, insere-se a discussão atinente à Geografia, especialmente à "Geografia Humana", como já analisado sob distintas formas em reflexões de Cavalcanti e Viadana (2010), Kimble (2013) e Wardenga (2013). Intenta-se, por essa prática, a capacidade de extrair, reformular e/ou aprofundar discursos e constructos teórico-conceituais, levando na devida conta a conjuntura e o período de sua elaboração intelectual.

Dentro desse bojo, insere-se o processo de sistematização da ciência geográfica e as sucessivas transformações no seu espírito científico, notadamente no que diz respeito ao objeto de estudo geográfico, com forte relação e influência das condições socioeconômicos, políticas e culturais à época, tais como os abordados em Claval (2010), de que, a partir da última década do século XIX foram construídas três concepções da Geografia, sendo: i) fidelidade à diferenciação regional da Terra; ii) as relações entre os grupos humanos e o meio ambiente, em que há a individualização da

[1] A inclusão de frases do filósofo alemão Theodor Adorno (1903-1969) no início de cada seção ilustra a inquietude/tentativa por uma provocação.

Geografia Humana; e iii) a Geografia como estudo das paisagens, como forma de evitar a citada divisão.

Cabe mencionar que, ao se revisitar, deve-se compreender como os autores e as correntes se inserem em determinado período histórico, além de situar a influência mundial no seu país (e vice-versa). Nesse contexto, o presente manuscrito tem como pretensão, a partir de uma perspectiva de sobrevoo, estabelecer notas provocativas a respeito dos aspectos teórico-conceituais e metodológicos no campo da(s) Geografia(s) Humana(s) Francesa(s), levando-se em consideração os seus desdobramentos atuais.

O sobrevoo é tratado aqui como detentor da possibilidade de tecer comentários e reflexões sobre a problemática anunciada, de maneira que os autores deste escrito possam coletar (pousar) dados e informações e discorrer (sobrevoar) a respeito do panorama elaborado com consciência e respeito, evitando (ou tentando evitar) que o texto apresente uma visão excessivamente simplista, apenas do alto, de longe, com pouco ou nenhum contato com o objeto. O termo (sobrevoo) já foi utilizado em várias obras, como em Christie (1999), Reis Júnior (2004), Souza (2007), Sztutman (2009) e Silva (2016).

Antes de iniciar tal empreitada, a qual, claramente é complexa, a julgar pela aparente existência de pensamentos distintos, cabe considerar a importância de Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Jean Brunhes (1869-1930), Albert Demangeon (1872-1940) e Max Sorre (1880-1962), bem como dos ideais apresentados na década de 1960 por Pierre George (1909-2006), Raymond Guglielmo (1923-2011), Bernard Kayser (1926-2001) e Yves Lacoste (1929-) para a formulação da mesma, cujos esforços resultaram na chamada Geografia Ativa.

Ao longo do texto, um dos conceitos mais apresentados é o de ciência, considerado por Popper (2001) como sendo o conhecimento que pode ser falseado, e ainda, de acordo com Morais (1988, p. 24), "[...] mais do que uma instituição, é uma atividade [...] podemos mesmo dizer que a 'ciência' é um conceito abstrato".

Corroborando essa ideia, Chalmers (1993) defende que o conhecimento científico é aquele que pode ser evidenciado e testado, através de um rigor metodológico na obtenção de dados, podendo ser através da observação e de experimentos. Sobre o rigor no método, esta é uma das preocupações dos filósofos desde que a ciência ingressou em um novo tempo, sendo assim considerada por Chauí (1995) como conhecimento que resulta de um trabalho racional.

Rupturas e (des)continuidades

> *Liberdade não é poder escolher entre preto e branco, mas sim abominar este tipo de propostas de escolha (Theodor ADORNO).*

Falar de epistemologia e história do pensamento geográfico sem discutir ou pelo menos mencionar a valorosa contribuição de Paul Vidal de La Blache é, sem dúvidas, um erro, tendo em vista o seu papel, bem como o de outros estudiosos, para a compreensão e delimitação do objeto e do método na ciência moderna. O autor em questão, como evidencia Gomes (1996), afirma que o caráter científico da Geografia remonta a dois importantes geógrafos alemães, Alexander von Humboldt e Carl Ritter, notadamente no que concerne à relação causa e efeito, como iniciantes dos cortes no pensamento geográfico europeu.

Contudo, cabe destacar que não só a Geografia, no rol das Ciências Humanas, estava nesse momento inclinada a percorrer esse caminho, como Émile Durkheim, Charles-Victor Langlois e Charles Seignobos nas suas respectivas ciências atestam, com forte contribuição dos seus escritos para a disseminação dos seus ideais e posicionamentos diante do rico conhecimento a ser "dividido" entre as ciências em torno da definição do método e das especificidades.

À sua época, a ciência geográfica era tida como conhecimento auxiliar da História, o que influenciou com que a Geografia vidaliana assumisse uma perspectiva histórica e funcional, sem que, contudo, abrisse mão da criação de tipologias "próprias à Geografia" (FABRÍCIO; VITTE, 2015, p. 76), centrando o foco de suas análises em uma abordagem recíproca, mútua e harmônica, tendo a relação homem-meio como objeto principal.

A referida relação permanece bastante forte nas investigações geográficas, principalmente em áreas urbanizadas ou densamente povoadas em que o homem, segundo La Blache, constituir-se-ia em fator geográfico, cooperando para com a transformação da paisagem ao levar em consideração seus objetivos, ao mesmo tempo portando-se como elemento ativo e passivo nesse processo, como argumentam Fabrício e Vitte (2015). Tal terminologia – fator geográfico – era mais usual à época, sendo, portanto, historicamente datada e seguidamente analisada em trabalhos como os de Mercier (2001), Santos e Gonçalves (2014), Lira (2014) e Robic (2020).

A fim de ilustrarmos essa reflexão, podemos citar estudos ainda em andamento no Nordeste Brasileiro acerca dos impactos ocasionados pela mineração, os serviços ecossistêmicos em ambientes

serranos e estuarinos, a gênese de paisagens tecnogênicas, o papel das mulheres com o meio em que estão inseridas e a relação entre políticas territoriais e os eventos extremos de seca, o que, sob a concepção vidaliana, teria o homem como fator geográfico a ser investigado.

Estudar, assim, a relação homem-meio considerando, diante dessa complexidade, inúmeras variáveis e narrativas seria um desafio, a julgar pela possibilidade de se alcançar conclusões distintas. Nesse campo, conhecimento e identidade social de vida "não possuem ligação direta com o meio ou as condições ambientais, e, sim, com o uso prático das técnicas disponíveis ao desenvolvimento dos grupos sociais e econômicos, pois, em suma, o homem sobrepõe o meio" (QUEIROZ; SOUZA, 2016, p. 7), vide que a Geografia é "solicitada para realidades" (LA BLACHE, 1982, p. 40).

O período dessa formulação se dá com a virada para o XX, antecedida por acontecimentos na França como a III República e a Comuna de Paris, bem como o papel da II Revolução Industrial na mudança de modos, valores e ritmos de produção em uma pretensa europeização do globo. Nesse momento, julga-se a ligação entre a Geografia acadêmica e aquela de cunho imperialista comercial, contribuído, em parte, pela "colaboração orgânica entre geógrafos e historiadores", como aponta Dosse (2004, p. 119).

Ao ponderar que a Geografia possui seu próprio campo, e que a ciência está relacionada com o conjunto da Terra e o princípio da unidade terrestre, La Blache argumentou a necessidade de se compreender a combinação entre os fatores de maneira que a adoção de estratégias de comparação, análise e síntese, exprimindo a tônica da interpretação da paisagem, auxiliada pela ideia de meio e pautada

nas ideias de descrição por meio de estudos de campo, tornar-se-iam imprescindíveis à compreensão das expressões mutáveis de cada lugar (LA BLACHE, 1982; 2012 e RIBEIRO, 2007; 2008).

A esse respeito, a adoção de estudos de campo associa-se com os postulados vidaliano quando da necessidade de aproximar-se do objeto, de maneira a reconhecê-lo, encará-lo, e, portanto, experienciá-lo, notadamente no que se refere aos estudos de paisagens como aqueles realizados nos cursos de Geografia (Figura 1) e até mesmo na educação básica, sob a tônica dos estudos do meio.

Figura 1: Estudos de campo realizados durante as disciplinas de Geomorfologia do Quaternário e Geomorfologia, em parceria com a disciplina de Organização Espacial do Nordeste. Em A, Parque Nacional de Sete Cidades (Piracuruca/Piauí); e, em B, Povoado Gaturiano (Picos/Piauí)



Fonte: arquivo pessoal (2018; 2020).

Em Princípios da Geografia Humana, como aborda Gomes (1996), La Blache faz uso de vários conceitos, muitos deles inspirados em ideais da biologia e evolucionismo, como organismo, meio, ação humana e gênero de vida. A obra vidaliana parte da unidade terrestre e da compreensão de que o meio seria detentor da

capacidade de agrupar em si seres heterogêneos em relação mútua, dando subsídios para a noção de região.

Aqui, a Geografia lablacheana é apresentada como a "ciência dos lugares, e não dos homens" (LA BLACHE, 1982, p. 47), possuindo um caráter *sui generis* frente às outras ciências e, pautando em si, elementos de uma interdisciplinaridade para o desenvolvimento deste campo científico. Uma concepção híbrida – como mencionam Ribeiro (2007), Saquet e Silva (2008), Straubhaar (2013) e Vitte (2014) – em uma Geografia do contato e da aproximação, ao buscar explicar o conceito de gênero de vida.

Em Brunhes, assim como em La Blache, a Geografia é vista de forma complexa, interdisciplinar, integral e dinâmica; todavia, houve um empobrecimento e objetivação do legado vidaliano, restringindo a Geografia ao estudo das relações homem-meio e à uma aproximação superficial da relação com os aspectos socioeconômicos e culturais (CLAVAL, 1998; RIBEIRO, 2014). "Os vidalianos não eram tão vidalianos assim" (RIBEIRO, 2014. p. 12).

Em seu livro Geografia Humana, Brunhes (1962) aponta que no campo próprio dos estudos geográficos há de se considerar a existência e interconectividade de três grupos de fenômenos primordiais: a superfície de aquecimento (servindo como "receptáculo" da energia/calor solar), os fatos geográficos (como os fenômenos atmosféricos) e os fenômenos bióticos (aqui inclui-se as atividades humanas). É nesse campo de inter-relações e superposições que dialogam os fatos essenciais que são, por excelência, o objeto de estudos da Geografia.

À Geografia Humana caberia o estudo "[d]o conjunto de fatos de que participem a atividade humana em um grupo

verdadeiramente especial de fenômenos superficiais" (BRUNHES, 1962, p. 27). Contudo, o que chama mais atenção na perspectiva dos subsídios do autor é a proposição dos princípios da atividade e da conexão, contribuindo para uma visão dinâmica, integral e complexa de Geografia, ao longo das escalas espacial e temporal.

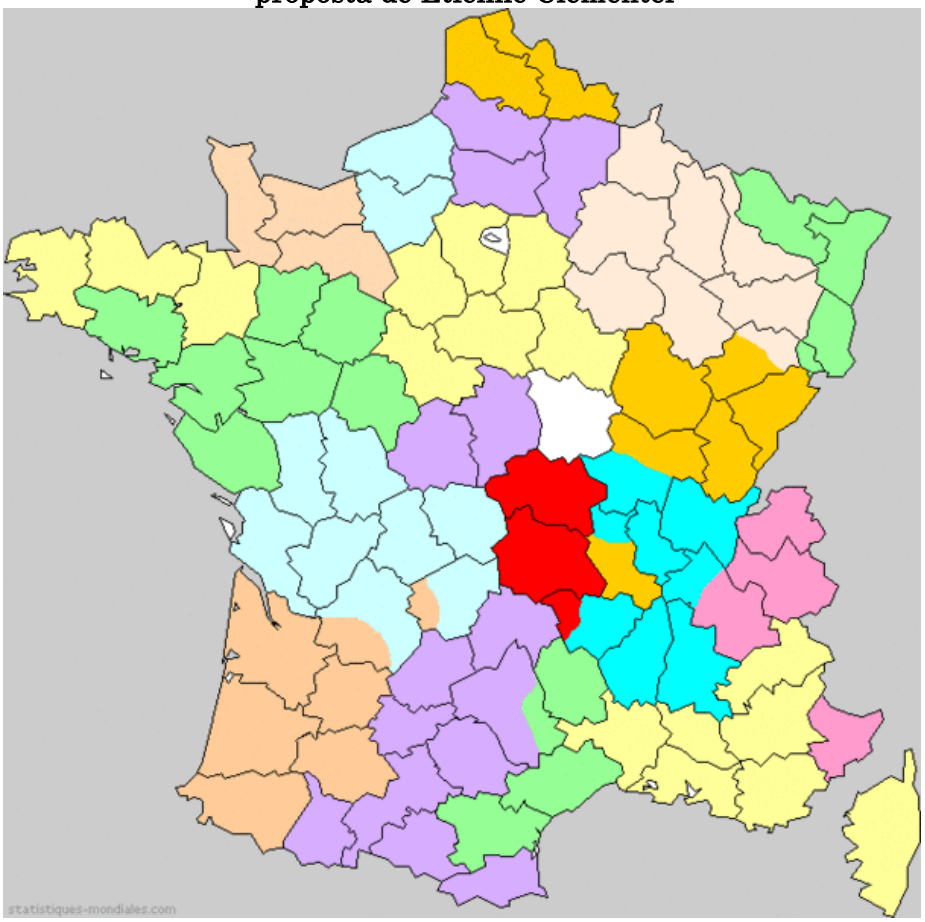
O primeiro princípio, considerando-se que "tudo se transforma ao nosso redor; tudo diminui ou cresce. Nada há verdadeiramente imóvel" (BRUNHES, 1962, p. 27), expressa o caráter mutável, ao considerar as noções de tempo e espaço face ao conhecimento das características pretéritas para entender as características atuais e possibilitar prognósticos. O segundo princípio expressa que os fatos devem ser estudados em suas múltiplas conexões, com a ideia, novamente, do "todo" terrestre, considerando que "os homens, como os vegetais e os animais, estão intimamente relacionados a um certo número de fenômenos" (BRUNHES, 1962, p. 35), no abastecimento de água e na fixação de assentamentos humanos em um dado local com a noção de meio e o método vidaliano.

Estes princípios, conforme afirma Carvalho (1929), foram sustentados por três pontos principais: o Estado e o território; o Estado, a estrada e a fronteira; e o Estado e a capital, a fim de que tornassem objetos da Geografia Política. Associa-se ainda com os problemas político-econômicos, dentre eles as condições geográficas de paz e de guerra, a política econômica e da colonização, e a política de circulação e intercâmbio.

Brunhes e também Camille Vallaux, posteriormente, associam a conexão com a concepção de fronteira e a noção de estrada, de modo a manter ou promover a coesão do Estado. Em

contexto histórico cabe mencionar que, em 1917, ambos autores se posicionaram contra o modelo do ministro do Comércio, Indústria, Correios e Telégrafos Étienne Clémentel, o qual durante a I Guerra Mundial dividiu a França em regiões econômicas (Figura 2).

Figura 2: Divisão da França em regiões econômicas conforme proposta de Étienne Clémentel



Fonte:https://commons.wikimedia.org/wiki/File:France_1919_r%C3%A9gions_Cl%C3%A9mentel.gif. Acesso em: 25 de maio de 2020.

Brunhes e Vallaux, conforme Sousa (2015, p. 202) teceram as seguintes críticas: "O que há de comum entre o vale de Marne e a

região industrial de Lille? Por que as funções de um porto se limitam apenas a uma cidade: Marselha se limita a Avignon? Nantes se limita a Tours?". Na figura 2, ilustra-se consideravelmente as inconsistências apontadas pelos críticos em razão principalmente das diferenças regionais.

Neste campo analítico, ao se regionalizar as áreas conforme suas peculiaridades (algo diferente e particular) por meio das características físicas, dos estudos populacionais e das atividades econômicas, alinha-se a uma realidade concreta e física, com análise instrumentalizada na descrição como método, inclinando-se assim para uma dita Geografia Regional defendida por Alfred Hettner, como uma ciência idiográfica, tal como explica Gomes (1996).

Figura-se pela própria ação de Clémentel que toda regionalização deve ser considerada também um ato de poder, o poder de recortar, de classificar e, de muitas vezes nomear, com forte relação ao tempo histórico (HAESBAERT, 2018), bem relacionado com as ações em torno de Marne, Lille, Marselha, Avignon e Tours, na França, o que pode-se considerar com as contribuições de Albert Demangeon.

A representação em torno da Geografia Humana apresentada em Demangeon (1982) é rica em considerações e expressa entre valiosas contribuições, a inserção de outros conceitos e categorias concernentes ao estudo. Há, na sua leitura de Geografia Humana, a necessidade de repensar e se distanciar de conceitos em uma sucessão de rediscussões teórico-conceituais.

O autor afirma que a curiosidade sobre as diferenças entre os costumes dos homens é antiga, contudo, sem significativa legitimação das informações apresentadas, a julgar que inúmeras

informações são oriundas de viagens e narrativas que provocam problemas analíticos e reflexivos, com narrativas muitas vezes longe do real e pitorescas. A ideia de sistematização desse conhecimento em uma ciência se deu a partir da segunda metade do século XVIII.

A contribuição de Demangeon (1982, p. 51) logo tornou-se provocativa ao colocar em dúvida a real definição de Geografia Humana, "até aqui" ensaiada como o estudo das relações dos homens com o meio, de modo que uma das primeiras preocupações do geógrafo foi a de "colocar os fatos humanos em relação com a série de causas naturais que podem explicá-los e recolocá-los, desta maneira, no encadeamento do qual faz parte". Para o autor, tal definição é, sem dúvidas, ampla e ultrapassa o que seria Geografia, tomando para si, uma tentativa de buscar objetos de outras áreas, como a Antropologia e a Medicina.

Sua proposição se dá com uma segunda definição de que a Geografia é o "estudo dos grupamentos humanos em suas relações com o meio físico" (DEMANGEON, 1982, p. 52), retirando, assim, a figura do indivíduo e deixando vir à tona a figura da sociedade, dos grupamentos sociais e dos assentamentos humanos, ao passo que a Geografia Humana seria "o estudo dos agrupamentos humanos em sus relações com o meio geográfico" (DEMANGEON, 1982, p. 52). O conceito de sociedade é, assim, sucessor na sua abordagem do conceito de indivíduo, enquanto o meio geográfico expressaria e condicionaria melhores formas de análise.

Os caminhos a trilhar e observar, considerando os conceitos de indivíduo, sociedade, meio físico e meio geográfico compreendem quatro grupos de problemas para Demangeon (1982), que estão relacionados com as relações das sociedades humanas com o meio

geográfico: a) valorização pelas sociedades humanas dos recursos naturais; b) elaboração e aperfeiçoamento de técnicas de apropriação dos recursos naturais; c) distribuição dos agrupamentos em função das condições da natureza, e; d) as instituições humanas e os modos de ocupação da terra.

Sua discussão se dá com o uso de temas regionais[2], bem como na relação das forças econômicas frente ao mundo moderno, além de, também, abordar o campo e o habitat. A noção de *pays* é, para ele, um importante instrumento para o estudo da Geografia Humana, considerando que é necessário partir de um fato particular (regional) para um geral, e quais elementos dessa região auxiliam na elucidação da relação entre a sociedade e o meio geográfico.

Nessa perspectiva, não se considera a existência de uma inesgotabilidade de temas/assuntos no campo da Geografia Humana, podendo apontar os estudos da Geografia Agrária sob influência tanto de Demangeon quanto de La Blache, influenciando muitos outros autores como Pierre Monbeing, Francis Ruellan e Pierre Deffontaines, e refletindo ainda na organização da Geografia acadêmica brasileira. Monbeig (1944, p. 9) argumenta, sustentado na concepção de Demangeon de que "a Geografia Humana estuda as relações entre as sociedades humanas e o meio no presente e no passado", que há três pilares metodológicos da Geografia, sendo eles: o ato de observar, seguido da descrição, e, por fim, as reflexões sistematizadas.

Há, ainda, sob influência do autor, uma forte contribuição no que se refere à economia internacional, em referência a quatro

[2] "*Aucune région du globe n'offre à la description géographique plus de séduction que le pays de la Méditerranée*" (DEMANGEON, 1937, p. 307).

pontos, como afirma Lira (2014): a unidade global dos países dentro da então mundialização; a relação do homem com o meio e como este se vincula com as relações econômicas; as crises capitalistas e sua dinâmica geográfica; e a temporalidade da demanda dos mercados mundiais. Percebe-se assim, mesmo que com estes dois exemplos, na Geografia Agrária e na Economia Internacional, quão múltiplas são as abordagens da Geografia Humana sob a concepção demangeoniana.

Já Max Sorre (2003, p. 137) estabelece duas definições que se complementam e se correspondem para a Geografia Humana, a qual "é a parte da Geografia Geral que trata dos homens e suas obras, desde o ponto de vista de sua distribuição na superfície terrestre", pautada consubstancialmente na descrição do ecúmeno, bem como na "descrição científica das paisagens humanas e de sua distribuição no globo". A inserção do conceito de paisagem se dá notadamente pelo seu caráter de descrição científica, o que, em muito, já auxilia nas análises da Geografia Humana.

Do campo da Geografia, duas características principais expressam a conservação da sua autonomia (SORRE, 2003, p. 138): a) "entre as ciências da natureza e do homem nenhuma outra situa em primeiro plano a localização dos fenômenos. A Geografia é a disciplina dos espaços terrestres", como a representação cartográfica para as investigações, e; b) "o homem da Geografia é o homem das conexões e dos conjuntos", a julgar pela inserção dos contextos físicos (meio natural) e do meio humano (social).

A inserção das técnicas sob o ângulo espacial, para o autor e, conforme exposições anteriores, indica a modificação do ambiente, sendo necessária, além dessa análise, a compreensão das

características de plasticidade (adaptação e expansão da sociedade sob a superfície), do alto grau de desenvolvimento mental, da mobilidade espacial e da acumulação de vitórias de circulação que ilustram a capacidade do homem de se adaptar ao meio, colocando em destaque uma Ecologia do Homem, não em relação às características físicas e mentais do homem, mas sim em relação às condições mutáveis do ambiente.

Diante disso, o autor contribuiu ao propor a relação entre os aspectos físicos, biológicos e humanos como o escopo central das investigações geográficas. A Geografia Humana estaria humanizada. Dentre suas contribuições, se destacam estudos sobre Geografia da Circulação, Climatologia, estudos do meio rural e meio urbano, habitat e Geografia Política. Sobressai-se o conceito de complexo patogênico, inserido com bastante ênfase no rol dos estudos da Geografia Médica (MEGALE, 1984; PRESTES, 2011).

A coexistência de técnicas sofisticadas e rudimentares no mesmo espaço em um mundo tão desigual possibilita uma nova forma de ver e interpretar a Geografia Humana, fato visto em A Geografia Ativa (1975), escrito por Pierre George, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser e Yves Lacoste. Destarte, a história do conhecimento geográfico ganhou valiosas contribuições, sobretudo no que se refere à análise do meio ambiente, a julgar pelo seu caráter inovador e sua abrangência, por exemplo, ao se discutir o cenário global em sua totalidade e relações.

Na primeira parte da obra a discussão se dá diante dos problemas, doutrina e método da Geografia Ativa, antecedendo tais posicionamentos com uma revisita histórica ao final do século XIX, apontando que a descrição das terras em continentes como África e

América seria a parte mais recente dos estudos científicos, carecendo, portanto, de orientações no que diz respeito às relações de causalidade e à noção utilitária. Essas correlações geográficas se dariam entre o homem e o meio, considerando novas abordagens e métodos.

Os autores apontam que a Geografia é uma ciência humana, sendo essa uma ciência do espaço, mesmo que seus métodos sejam distintos daqueles adotados pelas ciências naturais. O espaço, aqui, é encarado como fonte de vida ou meio de vida e que as coletividades humanas estão continuamente relacionadas com o conjunto de elementos essenciais para a sua existência.

O livro foi escrito em um período de transformações em vários setores, exemplificados principalmente pelas grandes guerras, pelos avanços tecnológicos e científicos, pela corrida armamentista e aeroespacial, além das mudanças nas relações entre os países, o que já infere-se para a necessidade de existir uma "Geografia Ativa" caracterizada pela sua capacidade de analisar o dinamismo das relações durante o início da segunda metade do século XX, para "perceber as tendências e as perspectivas da evolução a curto prazo, medir em intensidade e em projeção espaciais relações entre as tendências de desenvolvimento e seus antagonistas, definir e avaliar a eficácia dos freios e obstáculos" (GEORGE *et al.*, 1975). Tal proposta demarca seu posicionamento de que o geógrafo é um cientista de síntese, auxiliado em alta conta pelos estudos da História, aplicando, no entanto, métodos próprios, neste caso o estudo regional.

O conhecimento das situações seria o ponto chave desta Geografia, ao considerar a totalidade dos dados e os fatores

específicos de uma dada porção do espaço, o que auxiliaria as comparações por meio da análise e da descrição, para os novos conhecimentos acerca do espaço do homem e para a mobilidade destas situações. Neste sentido, Lacoste (2012, p. 25) afirma que "George foi um dos primeiros a considerar os fenômenos demográficos, as formas de crescimento urbano, as indústrias e aquilo que chamava de 'os grandes tipos de organização econômica e social'".

A Geografia, assim, seria a responsável pelas análises de correlação entre o meio natural e as estruturas e fatores sociais e econômicos, além de ocupar espaço maior nas investigações da organização da sociedade, como na localização das atividades produtivas (como a industrial), o desenvolvimento regional, o planejamento do território e a própria questão ambiental, analisando regiões e paisagens francesas.

O Homem, o Meio e a Técnica – (elo para) a Geografia Humana

> *O homem é tão bem manipulado e ideologizado que até mesmo o seu lazer se torna uma extensão do trabalho (Theodor ADORNO).*

A relação da tríade homem, meio e técnica em La Blache (1982) é explícita. Para o autor, o meio não determina o modo de vida das pessoas, mas, sim, fornece possibilidades para que as sociedades consigam se adaptar e se desenvolver diante das dificuldades, fazendo com que, assim, estas aprimorem suas culturas e técnicas, abrindo ocasião para os gêneros de vida. Argumenta que os gêneros

de vida se configuram em uma ação metódica e contínua, atuando sobre a fisionomia das áreas.

O conjunto de hábitos e concepções e as mudanças do cotidiano dos grupos humanos constituem-se em herança, considerando que os fatos sociais estão sujeitos a determinadas condições geográficas. "Os gêneros de vida atuais são, portanto, resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, ao longo de uma cadeia contínua, regida não por uma ideia de necessidade, mas somente de possibilidade" (GOMES, 1996, p. 205). Cada grupo desenvolveu uma forma específica de relação com o meio, mediante várias influências físicas, históricas e sociais.

Essa singularidade dos gêneros de vida pode ser aqui exemplificada com o Quilombo Mimbó (município de Amarante, no estado do Piauí), que há mais de dois séculos mantém na cultura ricas expressões da comunidade negra, mesmo com os avanços da modernidade, em uma serra entre o rio Canindé e o riacho Buritizinho. A comunidade tem um sistema político pelo qual anualmente é escolhido um líder, entre homens e mulheres do Mimbó.

Isto posto, ao se compreender os modos de vida de populações tradicionais, tais como o Mimbó, é possível conhecer seus elementos, processos, dinâmicas, tradições e costumes, e, como estes, se apresentam como resistência às influências externas – muitas vezes autoritárias e devastadoras no referido grupo social – em respeito às suas práticas e manifestações de vida.

É válido ressaltar que, embora La Blache muitas vezes associe os gêneros de vida em uma paisagem rural, também ilustrava como os meios de transporte e vias de circulação inserem as cidades

como testemunhas de sociedades mais avançadas. Portanto, para ele, a importância se dá com o estudo das distintas estratégias civilizacionais de desenvolvimento forjadas na relação com o habitat.

Em Brunhes (1962), a análise sobre o homem, o meio e a técnica, principalmente no tocante a sua inter-relação expressava a definição de leis para justificar e exemplificar determinado fato ou fenômeno, como o povoamento de uma determina região e o desenvolvimento de um centro urbano, atentando-se para os aspectos socioeconômicos, ambientais ou culturais.

O método, nesse caso, teria encarado a característica de que uma região seria um dado complexo, o que resultaria, conforme Brunhes (1962) e Sousa (2015), em um conjunto de um grande número de traços que se combinam e modificam uns aos outros.

Adotando-se as considerações de Jean Brunhes, aqui podem ser ilustradas etapas para escolha de um lugar para instalação de uma cidade ou aterro sanitário, por exemplo, em que deve-se levar em consideração inúmeras variáveis físico-naturais, socioeconômicas e culturais em associação com a necessidade de uma abordagem integrada e dinâmica tendo em vista seus movimentos no tempo e que "[...]tudo se transforma ao nosso redor; tudo diminui ou cresce. Nada há verdadeiramente imóvel" (BRUNHES, 1962, p. 27).

Desta forma, o organismo terrestre entra em questão. Outrossim, com a existência e a compreensão dos princípios de atividade e conexão o homem é inteiramente inserido no rol dos fenômenos terrestres através dos fatos geográficos, das técnicas e dos objetivos apontados em um cenário histórico real.

Portanto, Brunhes (1962) sinaliza que não se deve separar a atividade humana do quadro natural, mesmo julgando que, conforme

Morin (2014, p. 27), "já existiam ciências multidimensionais, como a Geografia, que vai da Geologia aos fenômenos econômicos e sociais", de modo que a ciência geográfica aqui apresentada é julgada por sua complexidade e pelo diálogo entre aspectos que em outras ciências não seriam vistos inter-relacionadamente.

Em Demangeon (1982) há a necessidade de estabelecer princípios essenciais para o método: a) não se deve encarar a Geografia Humana como um determinismo brutal, tendo em vista que, com técnicas, a própria sociedade é uma causa que possibilita perturbações, como em lavouras ou centros urbanos, por exemplo; b) a base territorial é fundamental para a compreensão da Geografia Humana, de modo que o solo habitado e o homem são indissociáveis, e; c) o estudo do passado é necessário para explicações dos fatos atuais.

A adoção das técnicas, pela sociedade, para utilização dos recursos naturais expressa, assim, um campo de possibilidades, como a fertilização "artificial" de um solo, a canalização de cursos d'água para espaços áridos e o aperfeiçoamento de técnicas de construção de moradias e aprimoramento agrícola em terrenos alagadiços.

Max Sorre, nessa discussão, considera o homem, as técnicas e o meio ainda mais interligados, se comparado aos demais autores. A inclusão de outros aspectos ilustra a profundidade e a complexidade da sua Geografia Humana. Há aqui o equilíbrio entre o homem e(m) sociedade com o ambiente, de modo que a partir da relação homem-meio, desdobrar-se-iam análises e aportes aos estudos em toda a extensão da Geografia Humana.

O autor retoma ainda a noção de gênero de vida e a relaciona com o conjunto de atividades transmitidas e consolidadas pela

tradição. Essa tradição assegura que determinado grupamento humano se fixe ou se assegure em determinado lugar, oferecendo, assim, considerável estabilidade para sua manutenção diante de situações severas e extremas, como os esquimós e os índios em tribos isoladas.

O homem, o meio e a técnica na Geografia Ativa de Pierre George, Raymond Guglielmo, Yves Lacoste e Bernard Kayser colocam em destaque o papel do método (regional) e das técnicas, esta última encarada como modificações das relações entre a coletividade humana e o ambiente, podendo ser representada por cartas para uma descrição qualitativa.

> Certos grupos humanos organizaram sua vida no quadro de um meio espacial definido por limites concretos e por um conjunto de recursos mobilizados pelas técnicas adquiridas no decorrer de períodos de adaptação e de arranjo, de duração mais ou menos longa. Os exemplos clássicos são os das coletividades rurais da Ásia ou da África (GEORGE *et al.*, 1975, p. 24).

Essa única Geografia assume o papel de estudar as reações orgânicas (produção e consumo) e sua localização no espaço para que se possa, a partir do conjunto de relações, realizar um balanço exato das características regionais e associações inter-regionais (GEORGE *et al.*, 1975). O crescimento demográfico, por si só, corrobora a necessidade das análises sob essa óptica, considerada pelos autores como o trabalho científico geográfico.

Finalizando: entre elos e distanciamentos – uma ilustração

> *A distância do Sujeito relativamente ao Objeto, pressuposto da abstração, está fundada na distância em relação à coisa, que o senhor conquista por meio do dominado (Max HORKHEIMER e Theodor ADORNO).*

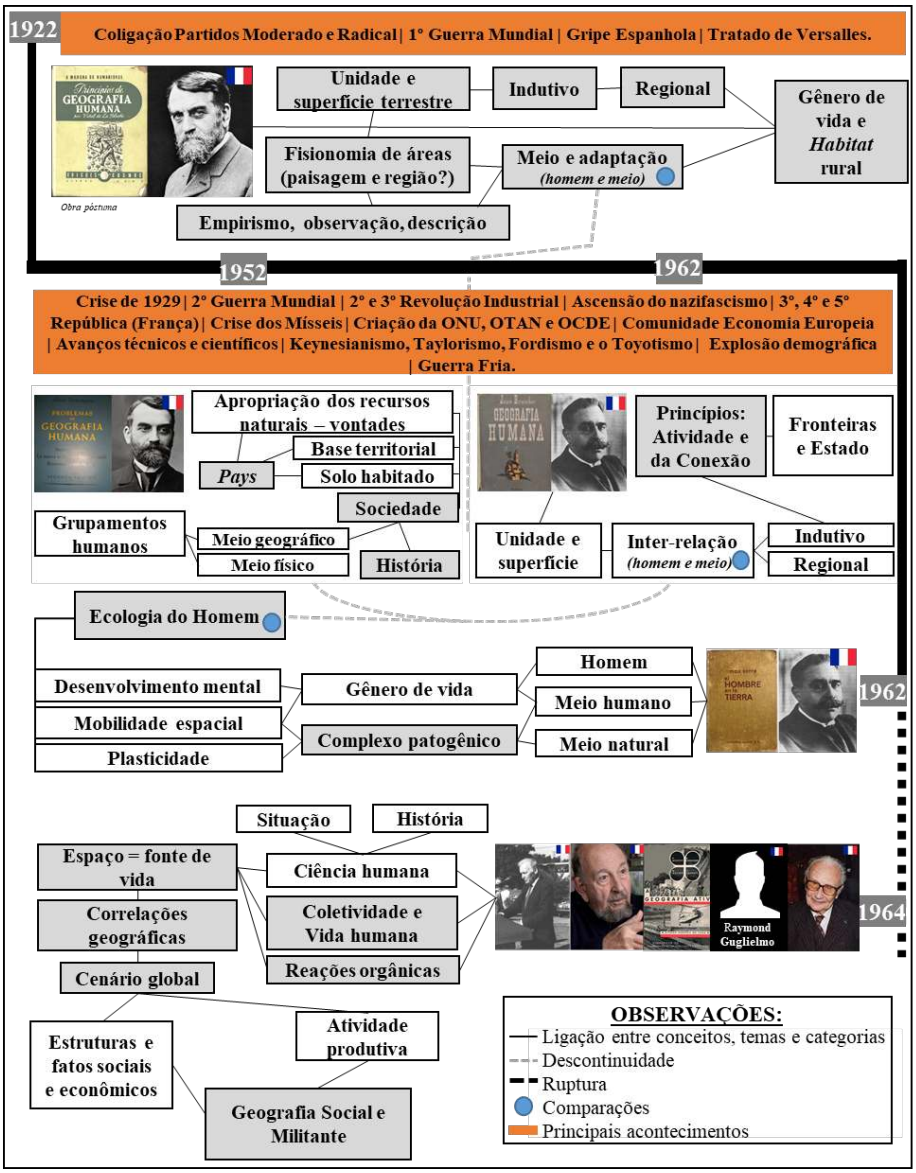
Os autores citados ao longo do texto, particularmente aqueles que são foco do estudo, não são os únicos que se dedicaram a temática em questão, mas, certamente, são aqueles que tiveram um maior destaque em suas contribuições teórico-metodológicas para a construção do arcabouço científico e o necessário delineamento teórico à época, portanto, é importante dizer, não deve-se reduzir tal conquista ao discurso apenas destes oito nomes: La Blache, Brunhes, Demangeon, Sorre, George, Guglielmo, Kayser e Lacoste, mesmo ao se considerar o recorte temporal e espacial do objeto deste sobrevoo.

Guiados pelo conhecimento e análise teórica e diante do que fora exposto, é evidente quão rica e complexa é a Geografia Humana Francesa, conferindo, ao longo do seu desenvolvimento, múltiplas possibilidades de interpretá-la e defini-la, possuidora ainda de uma vasta capacidade de relacionar-se com estudos atuais, refletindo em contribuições vindas de La Blache e Max Sorre, por exemplo, com inúmeras possibilidades de investigações geográficas.

A redefinição de conceitos (Figura 3) em Paul Vidal de La Blache (relação homem-meio e gênero de vida), Jean Brunhes (sociedade e meio físico), Albert Demangeon (princípios da atividade e da conexão, além da unidade superficial), Max Sorre (ecologia do homem), Pierre George, Raymond Guglielmo, Bernard Kayser e Yves Lacoste (estrutura social e econômica, além da atividade produtiva) ilustra a heterogenia no campo de uma mesma definição, mesmo que

historicamente contextualizada e com aproximações distintas com outras áreas do conhecimento, como a de Sorre para com os estudos médicos por meio da compreensão dos complexos patogênicos.

Figura 3: Esquema simplificado das contribuições dos autores analisados



Organização: os autores (2020)

O sobrevoo aqui realizado evidencia uma dinâmica típica de ciências que buscam constantemente repensar e rediscutir seus objetos de análise, ao considerar sua multidimensionalidade na análise entre o homem e o meio, principalmente ao se levar em consideração eventos e a conjuntura socioeconômica, o que auxilia sobremaneira na compreensão da (des)continuidade e/ou das rupturas de um dado conceito ou forma de pensa-lo cientificamente.

O que a Geografia Humana postula por meio de um intenso debate na esteira do conhecimento científico, depara-se com a limitação da contribuição vidaliana diante do conceito de sociedade, o que alcança distanciamento ao se comparar aos posicionamentos de Brunhes e Demangeon, bem como aquele conhecimento apresentado por Sorre, além da evidente ruptura exposta com as concepções ativas de George, Guglielmo, Kayser e Lacoste.

Conjugadas, as exposições aqui realizadas frente às Geografia(s) Humana(s) Francesa(s) no recorte temporal analisado expressam um intenso debate que repercute nos dias atuais dentro da produção científica geográfica em uma estruturação de uma Geografia Moderna, sob influência da escola francesa, evidenciando suas crises, rupturas e renovações diante do seu olhar uno e múltiplo.

Reitera-se a importância da realização de estudos que se dediquem à análise teórica e que, particularmente, julguem ser vitais a realização de novas leituras sobre a influência da Geografia Francesa nos primeiros anos de Geografia no Brasil, e como essas pontes teóricas se associaram para a consolidação de uma ciência cada vez mais pujante, fundamental e esclarecedora para perpassar as dualidades, barreiras e dicotomias existentes no pensamento geográfico.

Referências

BRUNHES, Jean. Que é Geografia Humana. In: _____. *Geografia humana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo da Cultura, 1962. 507p.

CARVALHO, Delgado de. *Introdução à Geografia Política***.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1929. 132p.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito; VIADANA, Adler Guilherme. Fundamentos históricos da Geografia: contribuições do pensamento filosófico na Grécia antiga. In: GODOY, Paulo Roberto Teixeira de. *História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia.* São Paulo: Editora UNESP - Cultura Acadêmica, 2010. 289p.

CHALMERS, Alan Francis. *O que é ciência afinal?*. Editora Brasiliense, 1993. 210p.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995. 567p.

CHRISTIE, Nils. Elementos para uma geografia penal. *Revista de Sociologia e Política*, n. 13. 1999. DOI: http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44781999000200005

CLAVAL, Paul. *Epistemologia da Geografia*. Florianópolis, Editora da UFSC, 2010. 406p.

CLAVAL, Paul. *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours.* Paris: Nathan, 1998. 543p.

DEMANGEON, Albert. La Méditerranée. *Annales de Géographie*, v. 46, n. 261. p. 307 – 308. 1937.

DEMANGEON, Albert. Uma definição da Geografia Humana. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia.* São Paulo: Difel, 1985. 318p.

DOSSE, François. *História e Ciências Sociais.* Bauru: Edusc, 2004.

FABRÍCIO, Deyse Cristina Brito; VITTE, Antonio Carlos. "Princípios de geografia humana", de Paul Vidal de La Blache. *Revista Geografia e Pesquisa*, v. 9, n. 1., p. 119-125. 2015.

GEORGE, Pierre; GUGLIELMO, Raymond; LACOSTE, Yves; KAYSER, Bernard. Primeira Parte - Problemas, Doutrina e Método. In: _____. *A Geografia Ativa*. São Paulo: Difel, 1975. 354p.

GOMES, Paulo César da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366p.

HAESBAERT, Rogério. *Regional-Global*: dilemas da região e da regionalização na Geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018. 208p.

KIMBLE, George Herbert Tinley. *A Geografia na Idade Média*. Londrina: Eduel, 2013. 353p.

LA BLACHE, Paul Vidal de. As características próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. 318p.

LA BLACHE, Paul Vidal de. Os gêneros de vida na geografia humana. In: HAESBAERT, Rogério; PEREIRA, Sergio Nunes; RIBEIRO, Guilherme. (Orgs). *Vidal, Vidais:* textos de geografia humana, regional e política. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 464p.

LACOSTE, Yves. *La géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre.* Paris: La Découverte, 2012. 256p.

LIRA, Larissa Alves de. Vidal de la Blache historiador. *Confins [Online]*, n. 21, 2014. DOI : https://doi.org/10.4000/confins.9636

MEGALE, Januário Francisco (Org.) *Max Sorre:* Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1984. 192p.

MERCIER, Guy. The Geography of Friedrich Ratzel and Paul Vidal de la Blache: A Comparative Analysis, *Geography*, v. 2, n. 1, p. 1-17, 2001.

MONBEIG, Pierre. Estudos geográficos. *Boletim Geográfico*, v. 1, n. 11, p.7-11, 1944.

MORAIS, Regis de. *Filosofia da ciência e da tecnologia.* São Paulo: Papirus, 1988. 232p.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita:* repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. 128p.

POPPER, Karl Raimund. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix, 2001. 513p.

PRESTES, Mateus Litwin. O pensamento de Josué de Castro e a Geografia Brasileira. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA., 13., San José. *Anais...* San José, 2011.

QUEIROZ, Cosme Jorge Patrício; SOUZA, Murilo Aguiar de. Geografia, uma breve história: da Antiguidade ao Brasil do século XXI. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL "EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE", 10. 2016. *Anais...* São Cristóvão, 2016.

REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. Geografia Física e "Nova Geografia" em Antonio Christofoletti. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOMORFOLOGIA, 5., Santa Maria. *Anais...* Santa Maria, 2004.

RIBEIRO, Guilherme. Da interpretação geográfica das paisagens (Paul Vidal de La Blache). *Mercator*, v. 7, n. 13, p. 149-151. 2008.

RIBEIRO, Guilherme. Mito e ciência nas interpretações sobre Paul Vidal de La Blache. *Mercator*, v. 13, n. 2., p. 7-21. 2014.

RIBEIRO, Guilherme. Paul Vidal de La Blache - Uma epistemologia em construção: diálogos entre a Geografia e a Sociologia em Paul Vidal de la Blache. *GEOgraphia*, Niterói, v.9, n.18, p. 117-122. 2007. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2007.v9i18.a13545

ROBIC, Marie-Claire. D'une guerre l'autre. Paul Vidal de la Blache. *Inflexions*, n. 43, p. 77-82, 2020. DOI: https://doi.org/10.3917/infle.043.0077

SANTOS, Claudinei Araújo dos; GONÇALVES, Marcelino de Andrade. Conceito de Região. *Revista Semina*, v.13, n.1, p. 15-31, 2014.

SAQUET, Marco Aurélio; SILVA, Sueli Santos da. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. *Geo UERJ*, v. 2, n. 18, p. 24-42. 2008.

SILVA, Francisco Vieira. Rascunhos de uma genealogia da intimidade: um sobrevoo pela história. *Revista Mosaico*, v. 9, n. 1, p. 152-163, Jan./jun. 2016. DOI: http://dx.doi.org/10.18224/mos.v9i1.4816

SORRE, Max. A Geografia Humana - Introdução. *Geographia*, v. 5, n. 10., p. 137-143. 2003.

SOUSA, Willian Morais Antunes. Camille Vallaux: uma figura da Geografia Clássica Francesa. *GEOgraphia*, v. 17, n. 35., p.197-203. 2015. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2015.v17i35.a13734

SOUZA, Marcelo Lopes de. Da "diferenciação de áreas" à "diferenciação Socioespacial": a "visão (apenas) de sobrevôo" como uma tradição epistemológica e Metodológica limitante. *Cidades*, v. 4, n. 6., p. 101-114, 2007.

STRAUBHAAR, Joseph. Sedimentada, híbrida e múltipla? A nova geografia cultural das identidades. *Matrizes*, v. 7, n. 1., p. 59-93. 2013. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v7i1p59-93

SZTUTMAN, Renato. Natureza & Cultura, versão americanista – Um sobrevoo. *Ponto Urbe [Online]*, 4. 2009. DOI: https://doi.org/10.4000/pontourbe.1468

VITTE, Antonio Carlos. *Por Uma Geografia Híbrida:* Ensaios Sobre os Mundos, as Naturezas e as Culturas. Curitiba: CRV, 2014. 114p.

WARDENGA, Ute. Writing the history of geography: what we have learnt – and where to go next. *Geographica Helvética*, 68, p. 27-35, 2013. DOI: https://doi.org/10.5194/gh-68-27-2013

Submetido em: 20 de dezembro de 2020.

Devolvido para revisão em: 25 de maio de 2021.

Aprovado em: 02 de junho de 2021.